

A francofonia no Canadá: autorias incontornáveis da literatura quebequense¹

Nubia Hanciau

Professora titular – FURG

A palavra “francofonia” foi empregada pela primeira vez em 1880, pelo geógrafo francês Onésime Reclus (1837-1916), animado pela idéia de classificar os habitantes do planeta em função da língua que falavam em sua vida quotidiana e em suas relações sociais, deixando de lado o critério de raça, etnia, nível social ou econômico então em voga. O termo inventado e tão questionado hoje recobria ao mesmo tempo uma idéia lingüística e uma relação geográfica, mas, acima de tudo, um símbolo de liberdade. Esquecido por longo período, ele reaparece em novembro de 1962, na revista francesa *Esprit*, em uma edição especial intitulada “Le français dans le monde”, número que reuniu o pensamento e a palavra de grandes escritores de todas as nacionalidades a respeito do fenômeno da francofonia.²

Hoje, as diferentes paisagens da francofonia ultrapassam largamente a questão estreita de território, para configurar uma francofonia “multicultural”, plural e viva, que restringe o espaço dos discursos antigos a respeito “da beleza e das riquezas inestimáveis da língua francesa”, voltados unicamente à metrópole, para apontar para uma francofonia dinâmica, baseada em afinidades literárias, na curiosidade, no espírito de abertura, na necessidade de comunicação.

¹ Texto apresentado no **FESTLATINO**, Festival Internacional de Línguas e Literaturas Neolatinas. A latinidade - Línguas irmãs: culturas compartilhadas. Recife, 27 de novembro a 1º de dezembro de 2006. Promoção: Diretoria de Documentação e Centro de Literatura Mauro Mota, Fundação Joaquim Nabuco.

² Foi o ex-presidente do Senegal, Léopold Sedar Senghor (Academia Francesa, 1984), que popularizou a palavra atualmente expandida em âmbito internacional, depois de ter sido dicionarizada em 1968, quando recebeu suas acepções principais: o fato de ser francófono e a coletividade constituída pelos povos que falam francês. Ver no Hall do CAC-UFPE a exposição “O poeta senegalês Leopold Segar Senghor, mestre da francofonia”.

No Brasil, Lilian Pestre de Almeida teve um papel importante enquanto pioneira na defesa dessas idéias novas. Nos anos 1980, seu texto demonstrava claramente a inteira adesão à introdução imediata das literaturas francófonas nos currículos universitários. Por essa razão, e por seu caráter histórico, recuperamos o que disse no Rio de Janeiro, por ocasião do V Congresso da FIPF, texto que Zilá Bernd (1999, p. 18-19), também situada entre as precursoras brasileiras, retoma:

(...) a língua francesa hoje é mais universal do que no século XVIII, ela é um bem das populações em todo o mundo, permitindo descobrir do interior não apenas europeus (franceses, belgas, suíços), mas também americanos (quebequenses, antilhanos), africanos, negros e brancos. Não se trata de negar o papel *nourricier* que a França e os franceses desempenharam em toda a América Latina, mas de compreender que a língua francesa permite também descobrir em profundidade os laços que nos unem – e que nós percebemos freqüentemente mal – a nossos vizinhos americanos, quebequenses e antilhanos, e também aos africanos, que são todos, ao mesmo tempo e por razões diversas, exteriores e interiores à América Latina. Latinidade, negritude, criouldade, americanidade, experiência vivida da colonização, dependência econômica e/ou cultural, canibalismo, tudo nos reúne, e um dos instrumentos da descoberta desses laços é o francês, cujo aprendizado, em vez de ser uma forma mascarada de alienação aristocrática, retomaria sua face de veículo de uma reflexão libertadora.

Lilian Pestre de Almeida e Zilá Bernd baseiam-se no fato de que o conhecimento da francofonia americana deveria contribuir para um melhor conhecimento de nós mesmos enquanto latino-americanos. Muito além das distâncias geográficas, as comunidades francófonas americanas se parecem em sua comum situação minoritária, em sua necessidade de inventar instituições culturais e paisagens literárias universalizantes que propiciem o intercâmbio das obras e o desenvolvimento de uma vida cultural rica; assemelham-se ainda no desejo de encontrar recursos comuns para aumentar a visibilidade da literatura latino-americana no contexto da mundialização.

Nesta breve retrospectiva histórica focalizamos uma fecunda literatura francófona, moderna e aberta ao mundo, para muitos uma desconhecida, melancólica, de aproximadamente cinqüenta anos, passado tumultuado, muitas

vezes divertida. Uma bela americana do Norte, que fala francês com um sotaque bem próprio e acena para que a consideremos além dos clichês. Estamos falando da literatura quebequense – termo utilizado após a Revolução Tranqüila dos anos 1960 – esta literatura que, em março de 1999, desembarcou em Paris para o 19º Salão do Livro, onde foi homenageada, levando sessenta autores convidados e outros tantos que lá se apresentaram por conta própria. Jacques Godbout, entre eles, foi quem disse em entrevista ao vivo nessa ocasião:

Imaginando-se um país, os escritores tomaram o nome de quebequenses e disseram ao mundo inteiro que doravante fariam literatura quebequense. Ora, naquele tempo, como hoje, o Quebec era uma metáfora e o romance quebequense uma metáfora da metáfora.³

Paris representava uma bela ocasião para festejar o reconhecimento e o estatuto universalista da literatura produzida no Quebec, e também para demonstrar que foi percorrido um longo caminho depois da publicação de *Maria Chapdelaine*, que data de 1914, de autoria do francês Louis Hémon, um romance que lida com os mitos correntes na época, traduzido em muitas línguas e várias vezes adaptado para o cinema⁴. Em sua obra Hémon exprime a grandeza humana e a miséria do colono, e, de acordo com a crítica, determina o cânone do gênero marcado pelo regionalismo e o idealismo da terra. *Maria Chapdelaine* torna-se então símbolo das virtudes tradicionais de um pequeno povo e abre caminho a outros romances que representarão os costumes do campo.⁵

Ao fazer breve histórico do romance quebequense, Patrick Imbert, em importante estudo intitulado “Instituição literária e romance”, entende que é

³ Excerto da palestra proferida no âmbito do **19º Salão do Livro de Paris** (1999), onde representávamos o Brasil junto à Association Internationale des Études Québécoises – AIÉQ.

⁴ Em 1934, por Julien Duvivier; em 1940, por Marc Allegret; em 1983, por Gilles Carle.

⁵ Luis Hémon esteve no Canadá de 1911 a 1913, onde escreveu essa história de amor que se passa no Quebec e se inscreve na corrente mais importante do romance na época, o *romance da terra*. Resignada heroicamente e obediente às vozes dos ancestrais, Maria reza mil ave-marias para que retorne o homem que ama, François Paradis. No entanto, Deus não a atende. François morre em uma tempestade de neve. Ela se casa então com um homem da terra, Eutrope Gagnon, em vez de se deixar seduzir por um outro pretendente, Lorenzo Surprenant. Este, de volta dos Estados Unidos, acena com suas riquezas e com o acesso ao mundo moderno, mas deve ceder o lugar do futuro à “voz do país do Quebec”.

impossível dissociar a história do romance no Canadá francês e no Quebec de sua subordinação, desde a origem, ao discurso dos críticos, pois é este que efetivamente determinará o que existe, o que deve ser escrito, separando o que deve ser divulgado e ensinado, do que deve ser esquecido.⁶

Se remontarmos aos primeiros *avant-textes*, veremos que as narrativas de viagem chamadas *Relations*, de Jacques Cartier (1534), e depois Lescarbot, Champlain e outros navegadores, trazem em sua esteira escritos dos descobridores, religiosos e colonizadores de toda espécie, que nos séculos XVI, XVII e XVIII colocam em discurso seu espaço-tempo. Estamos referindo aqui obras práticas ou descritivas, das quais teoricamente a ficção está excluída, mas já se infiltra na construção das primeiras personagens da quebecitude literária, que dizem a flora e a fauna, os ameríndios e os recém-chegados nesse novo país, não mais a França, e que procura um nome: “Canadá”, e mais tarde “Quebec”.⁷

Cada *relator* propõe-se narrar sua própria aventura desde sua chegada no Novo Mundo, movido muitas vezes pelo dever de realizar a indispensável ligação entre a América e a Europa. Improvisam-se historiadores, a exemplo de Pierre Boucher de Boucherville (1664), em tempos de deriva e dispersão discursivas. A linearidade dos limites cronológicos e os períodos curtos pouco importam para análise, tampouco as regras de formação e evolução desses textos. Os diários e discursos epistolares no século XVII e XVIII, a exemplo das sete mil cartas da mística Marie de l’Incarnation ao seu filho, e a correspondência mundana e romanesca de Elisabeth Bégon, nos ensinam a respeito da sociedade de referência e do estatuto do documento escrito. Cada uma a sua maneira, em séculos diferentes, mais ou menos isoladas, escrevem aos seus “queridos”, para contar sua aventura espiritual ou dar testemunho de seu tempo. Para Bernard Andrés,

Marie Guyard (nome de solteira de Marie de l’Incarnation),
Elisabeth Bégon: cada uma dessas correspondências ilustra o

⁶ Ver artigo: “O romance no Quebec”, in Hanciau, Dion e Bélanger (1999, p. 293-303).

⁷ Ver Bernard Andrés (1999, p. 37).

estado dos lugares, uma etapa ou um nível preciso na estratificação dos discursos. Negligenciar esses fundamentos comprometeria a abordagem global do fenômeno. A evolução dessa forma narrativa das primeiras escritoras subordina-se, é certo, à história literária do Quebec, como também ao estudo formal do Diário dos jesuítas ligados às Relações da mesma companhia (1999, p. 35).

Essas obras representam, não há dúvida, um verdadeiro braço francês na América. Contudo, depois da derrota dos franceses, em 1759, a vida intelectual entrou em período de profunda letargia, quando a maioria das pessoas instruídas voltou para a França. Ficaram para trás apenas os camponeses, padres e alguns senhores, limitados à expressão oral de sua rica tradição comum. Salienta-se aqui a importância das lendas como a dos Cadieux – significativa, se tomarmos em conta seu tema: ferido de morte, o desbravador das florestas (*le coureur des bois*) teria cavado sua cova e nela escrito, com a casca da árvore mais próxima (bétula), a narrativa de seus últimos momentos, antes de dormir para sempre sob as folhas do bordo (*érable*) e sob a neve, um belíssimo ícone para uma escrita da América.

Papel capital desempenharam também as canções populares vindas da França: *À la claire fontaine* e outras inventadas, entoadas pelos viajantes e canoieiros espalhados pelo continente, são narrativas que deixam seus múltiplos vestígios nos jornais impressos a partir de 1764, com a chegada da imprensa em Quebec, que marca o início da colônia inglesa. Era necessário preencher suas páginas durante o longo inverno, enquanto os navios não mais traziam notícias da Europa.

Ainda na arqueologia do literário quebequense, ao recorrer à memória longa, Bernard Andrès, em “Le texte embryonnaire ou l'émergence du littéraire au Québec 1764-1815” (1993, p. 29-39), reforça que no período, não há, na verdade, instituições literárias constituídas, e pode-se até dizer que elas não existiram antes da Revolta dos Patriotas de 1837. No entanto, desde o início dos anos 1830, uma nova identidade canadense francesa se afirma, inspirada nos exemplos da Nova França, aquela do período anterior à conquista pela Inglaterra e o tratado de Paris

de 1763, que cede a França à Inglaterra e transforma essa época em mito, provocando a folclorização do Canadá.

Nesse período, o clero ultramontano ou ultratradicionalista⁸ faz questão de reafirmar uma ordem em que domina o princípio da autoridade em detrimento dos princípios republicanos e democráticos norte-americanos pregados pelos patriotas de 1837. É precisamente nesse ano que os dois primeiros romances canadenses franceses são publicados, embora nenhum deles mencione a Revolta dos Patriotas ou se engaje a favor de uma tomada de posição identitária. Não obstante, ambos os textos são rejeitados pela instituição literária, dominada pelo clero desde a metade dos anos 1840. O primeiro romance, do ponto de vista cronológico, *Les Révélations du crime ou Cambray et ses complices* (julho de 1837), de François Réal Angers, põe em cena crimes ímpios – roubos em igrejas, assassinatos – motivados pela ambição material. O criminoso é um comerciante de madeira, não um pobre, o que não agrada a Igreja, tampouco os defensores do liberalismo econômico; isso explica por que a obra não foi reconhecida como o primeiro romance, ainda que tenha sido publicada três meses antes de *L’Influence d’un livre*, de Philippe Aubert de Gaspé, filho.⁹

Canadense em espírito e conteúdo, *L’influence d’un livre* será considerado o primeiro romance, seguido em sua visada ideológica pelos romances **agrícolas**, caracterizados por uma grande riqueza sociológica e lingüística, entre eles *La terre paternelle* (1846), de Patrice Lacombe, que exalta a agricultura, o desmatamento e a religião católica, defesa contra as ameaças do Canadá inglês e contra as “abominações satânicas” do regime republicano e democrático do Estados Unidos; *Charles Guérin* (1846), de Pierre-Joseph-Olivier Chaveau, ao criticar a dinâmica social ameaçada notadamente por estrangeiros, propõe uma forma de utopia católica centrada na defesa da língua e da comunidade rural; os dois volumes de Antoine Gérin-Lajoie, *Jean Rivard et le défricheur canadien* (1862) e *Jean Rivard économiste* (1864), trazem um texto didático em que se

⁸ Dirigido, a partir de 1840, pelo bispo de Montreal, Monsenhor Bourget.

⁹ Tem por base um *fait divers* local, usado para conduzir o leitor ao mundo dos contos orais e das lendas, até o misterioso Labrador.

misturam descrições, listas de contos, reflexões moralizadoras e diretivas pedagógicas, a representar o ideal da sociedade e do romance da época.

Jacques Allard, ao apresentar o gênero que dominará a expressão do século XX, tanto no Quebec quanto no Ocidente, divide o percurso temático e estético do romance, gênero abordado neste percurso, em três tempos: **romance primitivo** (1534-1904), romance moderno (1904-1965) e romance pós-moderno (1965 até hoje). Dois agrupamentos textuais fornecem o tema e a forma à prosa narrativa que constitui o romance primitivo; são eles: a grande narrativa colonial (1534-1837) e o romance canadense (1837-1904).

A melhor síntese da segunda fase do romance primitivo, chamada **romance canadense**, encontra-se em *Les anciens canadiens* (1863), que não tratará mais do desbravamento do solo, da indústria agrícola, da defesa e ilustração da língua francesa ou da fé católica; também não representará o clássico romance balzaquiano ou vitoriano, de que se ressentem alguns leitores puristas que invocam o cânone francês do século XIX; mas fará emergir na cena literária quebequense um romance impuro, que mistura lembranças e fatos reais – impureza anunciada desde o primeiro capítulo pelo próprio autor, Phillipe Aubert de Gaspé pai.

Nessa época, uma elite de escritores começa a descobrir as potencialidades das tradições populares. Escritor cultivado, o que Gaspé propõe é uma mistura narrativa, que entra na grande história pelas suas arestas, insurge-se contra a doutrina estabelecida e busca seu próprio prazer: o de contar os velhos tempos, falar sobre as canções, as danças, os ritos pagãos e religiosos, as grandes batalhas, sem esquecer suas tristezas ou as de sua nobre família, arruinada pela conquista inglesa.¹⁰

¹⁰ Ao enfatizar que o romance *Les anciens canadiens* descreve episódios da vida real totalmente autênticos, a crítica lembra que eles ocorrem no momento da conquista da Nova França e de um regime senhorial idealizado. Privilegiando esse livro e afirmando tratar-se de um dos primeiros romances canadenses franceses, o objetivo na época é construir o presente em função do passado, apresentado como historicamente legítimo. Não obstante, trata-se de um mundo mítico recriado com o intuito de comprometer a sociedade canadense francesa com o ultramontanismo cada vez mais presente. Em consequência, o mito de uma coletividade ideal serve para promover, na ficção literária, a realidade de uma organização social fundada na autoridade e em

Nome importante na romanesca canadense de expressão francesa, a parcial autobiografia de Laure Conan, intitulada *Angéline de Montbrun* (1884), é considerada o primeiro romance escrito por uma mulher no Quebec. Livro arquetípico da luta do imaginário feminino aprisionado na “Casa do Pai”, segundo Patrícia Smart (1990, p. 45), *Angéline de Montbrun* é das poucas obras que escaparão da autoridade do clero. Após *Les anciens canadiens*, surgirão outros romances históricos, em que se apagará a voz pessoal e a liberdade inerente ao grande gênero primitivo, conforme atesta Laure Conan.

Atravessando rapidamente o tempo do **romance moderno**, depois de distinguirmos o já citado *best-seller* mundial *Maria Chapdelaine* (1914), de Louis Hémon, cabe sublinhar que até os anos 1940 a família Chapdelaine representava o modelo de família ideal, fiel ao passado de uma raça “que não sabe morrer”, citação retomada inúmeras vezes em romances mais conformes à realidade quebequense; entre eles, *Menaud, maître draveur* (1937), de Felix-Antoine Savard, *Trente arpents* (1938), de Ringuet (Dr. Philippe Panneton), *Terre paternelle*, de Patrice Lacombe¹¹, todos reforçando a tendência enraizada nos valores tradicionais, tendência que prossegue em *Le survenant* (1945), de Germaine Guèvremont, e sobretudo em *Un homme et son péché* (1933)¹², de Claude-Henri Grignon, cujo personagem, Séraphin Poudrier – um avaro caricato –, fez a alegria dos ouvintes de uma série de programas radiofônicos muito populares. Foram vendidos mais de cem mil exemplares desse livro, levando a entender que, apesar do peso da seriedade clerical tradicional, ao utilizarem a caricatura com tendência à paródia, os autores conseguem criticar em seus escritos uma ordem que parece mas não é imutável, no âmbito de uma sociedade que se apresenta – desde o fim dos anos 1920 – mais urbana do que rural.

Nesse momento, uma desordem geral se prepara como conseqüência da Segunda Guerra Mundial, e também como fruto da comoção que representou o

hermenêutica baseada na monosssemia, ou seja, uma leitura de textos única, uma verdade imposta pelos representantes das instituições, que tiram proveito de seu poder simbólico e econômico para marginalizar o que consideram inconveniente.

¹¹ Este, em 1846, abre o ciclo do romance da terra.

¹² Seguido por *Les belles histoires des pays d'en haut*.

panfleto *Refus global* (1948), de Paul-Émile Borduas (e co-signatários), que recusa o tradicionalismo em plena época do Primeiro-Ministro da União Nacional, Maurice Duplessis, e seu regime autoritário¹³. Os apóstolos da independência ou da liberação nacional aliam-se em torno das publicações das edições *Parti-Pris*, correntes onde socialismo, nacionalismo e luta de classes caminham juntos em reinterpretação das idéias de Fidel Castro e Che Guevara.

No que diz respeito à qualidade da escritura, salienta-se sobretudo o Dr. Jacques Ferron, cujas posições independentistas e socialistas são textualizadas em paralelo a uma escritura lúdica, caracterizada por um imaginário próximo ao surrealismo. É o caso de *La Nuit* (1965), versão curta do romance que, retrabalhado, terá seu volume duplicado, intitulado *Les confitures de coing* (1972)¹⁴, considerado um dos mais belos livros da época. A reivindicação de Ferron aponta para um duplo aspecto, moral e estético ao mesmo tempo: de um lado ele coloca a liberdade de escrever; do outro, a exigência da história e sua conformidade ao destino coletivo.

Chegamos ao realismo urbano, representado por *Au pied de la pente douce*, de Roger Lamelin (1942), e *Bonheur d'occasion*, de Gabrielle Roy (1945), um dos maiores êxitos do romance urbano da época, o primeiro no Quebec a encenar personagens com problemas típicos da cidade. A trama focaliza uma família pobre que vive em bairro pouco favorecido do baixo Montreal, onde se luta pela sobrevivência cotidiana. O local serve de palco a uma história de amor, cujo *élan* é reprimido por determinantes econômicos e ideológicos. Essa vontade de abordar problemas que oprimem socialmente os menos favorecidos manifesta-se igualmente em Marie-Claire Blais, cujo romance *Une saison dans la vie*

¹³ (1936-1938 e 1944-1959).

¹⁴ Além das experimentações intertextuais dos anos 1970, emergem duas tendências: a insistência na produção de livros que se tornem virtualmente *best-sellers* ou possam ter seu conteúdo explorado pela mídia. É o caso de *Matou* (1981), de Yves Beauchemin, que situa a problemática de evolução social do campo à cidade no contexto das relações econômicas, e a saga de Arlette Cousture, *Les filles de Caleb* (1984), que evoca as difíceis condições de uma professora no campo. Deste último foram vendidos mais de 750.000 exemplares, principalmente na França, e foi encenado em uma minissérie televisiva no Quebec. Além dessa literatura voltada para o mercado e para a exportação, verifica-se a construção de uma literatura de questionamento existencial de alcance internacional.

d'Emmanuel (1965), premiado com o Médicis na França, joga constantemente com uma paródia do romance da terra. De fato, a autora inverte os temas tradicionais que idealizam a vida no vilarejo, fazendo dele um inferno econômico e um lugar de obscurantismo.

Vê-se finalmente o romance canadense-francês delinear seu tempo: citadino, engajado às idéias e ao real, crítico e não mais rural. Se há dificuldade no Quebec em fazer valer essa nova realidade, ela é tributária da ideologia que prevaleceu até os anos 1960, quando a província/país esteve confinada pelo governo ultraconservador, pelo clero à moda antiga e pela ignorância crassa, hoje repertoriados como período da “Grande escuridão” (*La grande noirceur*). Nem Sartre, nem Beauvoir ou outros clássicos mais sulfurosos em moda eram permitidos nessa época do reinado da censura. Só depois da morte de Maurice Duplessis, em 1959, e de um vasto movimento de emancipação, é que as letras arejaram-se, as edições realmente tomaram impulso e foram criadas estratégias para abolir os códigos “oficiais”, abrindo espaço para os enriquecedores processos de mestiçagem, hibridação e heterogeneidade, na busca de criar espaços de habitabilidade e fundar um lugar de enunciação quebequense.

Chega-se a uma nova modernidade, ao chamado romance pós-moderno (1965...), agora sob a denominação de “romance quebequense”, em que se salienta, além do já citado Dr. Ferron, em *La nuit*, Hubert Aquin, em *Prochain épisode*. Aquin representará claramente as ambições do novo romance: aquele que se inventa, faz sua independência e não se contenta mais em ser simples reprodução. Ao preferir a improvisação no desenrolar associativo, fílmico ou fantasmático da ação narrada, Hubert Aquin fragmenta o conteúdo, multiplica pontos de vista para contar a história de um anônimo montrealense revolucionário, que, conduzido a uma clínica psiquiátrica após um atentado frustrado, encontra sua vocação de escritor. Essa bizarra figura, ao querer aliviar o tédio, projeta-se

nesse romance de espionagem desenvolvido na Suíça, encerrado em Montreal, tipicamente pós-moderno em sua montagem.¹⁵

O ludismo e a inventividade do romance de Aquin prosseguem nos anos 1970, marcando avanços e recuos na narrativa popular, como testemunha *La grosse femme d'à côté est enceinte*, de Michel Tremblay (1978), entre outras obras que surgirão na década seguinte: o já citado *Le matou* (1981), de Yves Beauchemin¹⁶, e *L'ombre de l'épervier* (1988), de Noël Audet¹⁷, para citar apenas alguns.

A modernidade alcançada no Quebec com a Segunda Guerra Mundial é substituída rapidamente pela mistura dos gêneros e pela hibridação dos discursos em contato ativo e direto com um pós-modernismo que contempla o diferente, o múltiplo, o movimento. Mestre do intertexto, Réjean Ducharme deve ser incluído nesta breve retrospectiva histórica, pois conduz a um texto duplo, que propicia leituras em diversos níveis e várias significações em obra de verdadeira explosão escritural e lúdica, que contempla dois dos aspectos mais interessantes do intertexto: o anagrama e o pastiche.¹⁸

A partir dos anos 1960, as mulheres ganham importância cada vez maior, não apenas na sociedade, mas nas profissões e no domínio da literatura. “A literatura muda. Ouve-se uma voz de mulher. Durante longo tempo essa voz foi

¹⁵ *Prochain épisode* – romance paralelamente autobiográfico – textualiza toda uma teoria do literário e do político, sobre fundo de filosofia do romance. O protagonista aparenta ser um escritor que se tomava por uma encarnação do seu país e até mesmo da própria obra literária.

¹⁶ Florent Boissonneault, jovem montrealense, sonha possuir seu próprio restaurante, e Elise quer fundar uma grande família. Um dia, Florent encontra um senhor idoso e estranho, Egon Ratablasvasky, que lhe propõe ajuda para comprar “La Binerie”, um pequeno restaurante à venda por um preço irrisório. Enfim proprietários, Florent e Elise tomam-se de afeto por “Monsieur Émile”, um menino de seis anos abandonado por sua mãe e que encontrou refúgio na amizade com um gato em seu restaurante... Romance tornado *best-seller* da francofonia e levado à tela, *Le matou* responde plenamente ao gosto dos tempos, vencendo o complexo do “miserabilismo” que aureolou o escritor quebequense durante muito tempo. Eis que Yves Beauchemin, além do sucesso literário e financeiro, consegue colocar um livro quebequense na vitrine do sucesso internacional.

¹⁷ Depois de *Refus global*, muitos escritores publicam obras que se baseiam em reflexões próximas do surrealismo. É o caso de Graveau, cujos textos altamente originais utilizam constantemente o imprevisto, como o romance *Beauté baroque* (1952), e outros que chegam ao ponto de destruir a estrutura das palavras na direção da glossolalia e do hermetismo total, como no caso do texto teatral *Faisceau d'épingles de verre* (1961).

¹⁸ O conjunto da obra de Ducharme, de *L'Avalée des avalés* (1965) a *Dévadé* (1990), foi recusado no Quebec por ser ousado demais na época, mas apesar disso foi publicado em Paris pela editora Gallimard.

abafada, camuflada. É um som muito puro que vê o dia. Uma voz nova”, diz Anne Hébert, provavelmente a mais célebre escritora quebequense. Seu sucesso foi conquistado como poeta, dramaturga, contista, mas notadamente como romancista. Falecida em 2000, a francofonia perdeu naquele ano um de seus ícones: prêmio Fêmina em 1982, com o romance *Les fous de Bassan*, três vezes prêmio Gouverneur Général, prêmios da Academia Francesa e Libraires de France, sua obra compreende mais de 90 títulos e ao todo 19 prêmios literários. Seus romances mais conhecidos: *Kamouraska* (1970), que lhe valeu dois desses prêmios literários, *Les enfants du Sabbat* (1975) – um dos três prêmios Gouverneur Général que arrebatou – e *Le premier jardin* (1988). Seu último romance, *Un habit de lumière* (1999), foi traduzido recentemente para o inglês sob o título *A suit of light*, e poderia ser traduzido para o português por *Enfeitado de luz*.

A problemática feminista desenvolvida por Marie-Claire Blais foi retomada por autores como Nicole Brossard, em *L'Amèr* (1977), ou Louky Bersianik, cujo *Pique-nique sur l'Acropole* (1979) é uma charge profunda e humorística com relação aos *a priori* do *Banquete* de Platão, fundador de uma racionalidade monopolizada pela ordem masculina. As escritoras interagem levando em conta a contrapartida canadense inglesa e as obras de outras mulheres no resto do Canadá. Considere-se, por exemplo, a colaboração de Nicole Brossard com Daphné Marlatt, de Vancouver, onde estão em jogo questões relativas à tradução que levam à reescritura.

Les deux solitudes (1945), das quais falava o escritor canadense inglês Hugh McLennan, foram rompidas por uma nova abordagem que escapa aos limites tradicionais fundados sobre a oposição lingüística, com a criação de novos tipos de solidariedade pelas mulheres, que quebraram muitos tabus e propuseram novas formas de escritura e de solidariedade social e individual.

A presença do internacional também se faz sentir em Nancy Huston (que esteve no Brasil em abril de 2006), anglófona, nascida em Alberta, vivendo na França desde os anos 1970 (assim como viveu a quebequense Anne Hébert). Prêmio Gouverneur Général por *Cantique des plaines* (1994) – vencedora do

Fêmina, em outubro do mesmo ano, com seu décimo primeiro romance, *Lignes de faille*, publicado pela Actes Sud –, é autora de em torno de vinte romances, ensaios e livros infantis, escritos em francês e recriados em inglês pela própria autora.

Qualificado como país aberto, primeiro no mundo a proclamar-se oficialmente multicultural (em 1971), é impossível conceber o Canadá e o Quebec sem levar em conta a questão da migração. Graças ao sangue novo trazido por imigrantes que chegaram no país há aproximadamente quarenta anos, a literatura canadense de expressão francesa foi irrigada por novos imaginários, que renovaram a língua e as fontes de inspiração, para dar lugar a uma literatura universalista, eclética, caracterizada por representações inéditas, imagens inimaginadas, ritmos e olhares novos que muito devem aos fluxos migratórios.

Danny Laferrière, de origem haitiana, que vive entre Montreal, Haiti e os Estados Unidos, também esteve no Brasil em 2006, retornando em 2007 para participar de congressos e conferências. Humorística, mas filosófica e sociologicamente pertinente, sua obra põe em cena as difíceis relações entre um negro e as quebequenses francófonas e anglófonas no romance intitulado *Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer* (1985). O italiano-montrealense Antonio d'Alfonso, que participou do VII Congresso Internacional da ABECAN em Belo Horizonte (2003), frisa, em *Avril ou l'anti-passion* (1990), romance profundamente marcado por uma poesia discreta, que “não há país puro, nós somos todos de outro lugar” (p. 88).

Psicólogo aposentado e pintor, o brasileiro Sérgio Kokis fez da língua francesa seu laboratório de escritura e hoje é um dos expoentes da literatura quebequense. Seu primeiro romance, *Le pavillon des miroirs* (1994), traduzido para o português com o título *A casa dos espelhos*, foi saudado pela crítica e obteve quatro grandes prêmios literários¹⁹. Com *La gare* (2005), seu décimo quarto romance, recebeu o *Prix littéraire France-Québec: prix des lecteurs*. A ação de *La gare* se desenrola em um trem, onde um homem viaja com a mulher e o filho, e, logo depois de uma parada imprevista em uma estação aparentemente

¹⁹ Prix de l'Académie des lettres du Québec, 1994; Grand Prix du livre de Montréal, 1994; Prix Québec-Paris, 1994, e Prix Desjardins du Salon du livre de Québec, 1995.

abandonada, ele desce para “esticar as pernas”; ao retornar à plataforma... não há mais trem. Sem nenhum meio de comunicação, ele caminha até o vilarejo vizinho. Nesse universo fechado, adornado de personagens pitorescas, o absurdo da situação as levará ao questionamento sobre a sensação de “ser estrangeiro”, de estar só em outro lugar, de incerteza a respeito da vida e do futuro.

Laferrière, Kokis, D’Alfonso, Huston, entre tantos outros, são atores de primeira linha no concerto dos povos que compartilham o uso do francês para tratar de temas que concernem a todos os indivíduos, homens e mulheres. São reconhecidos no Quebec de hoje, que se situa em uma encruzilhada de influências, tanto americanas quanto européias, e nela encontram eco nas escolhas estéticas dos seus criadores, reconhecidos mundialmente pela originalidade, amplitude e bem-sucedida integração da interdisciplinaridade.

“Francês”, apesar dos cento e cinquenta anos de regime inglês, ou francês apesar dos franceses que os abandonaram? Universalizado, responderíamos, como terra de imigração e de migrações, onde as culturas se declinam no plural em uma sociedade majoritariamente composta por falantes franceses, o Quebec dá conta dos novos desafios e oferece generosamente uma produção cultural-literária canadense-francesa com sabor universal.

REFERÊNCIAS

ALLARD, Jacques. *Le roman du Québec: histoire – perspectives – lectures*. Montréal: Québec Amérique, 2000.

ANDRÈS, Bernard. *Coerção e subversão: o Quebec e a América Latina – ensaio sobre a constituição das letras*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999.

_____. Le texte embryonnaire ou l'émergence du littéraire au Québec, 1764-1815”. In : *La recherche littéraire. Objets et méthodes*, Claude Duchet et Stéphane Vachon éd., Montréal, XYZ et Paris, Presses universitaires de Vincennes, 1993, p. 29-39 [Reeditado pela XYZ, 1998, p. 38-50].

BERND, Zilá. Os estudos francófonos no Brasil: um breve histórico. In: HANCIAU, Nubia; BÉLANGER, Alain; DION, Sylvie (Orgs.). *A América francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.

IMBERT, Patrick. Instituição literária e romance. In: HANCIAU, Nubia; BÉLANGER, Alain; DION, Sylvie (Orgs.). *A América francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.